

Luto impensável e angústia sob a perspectiva da transmissão da vida psíquica e da recusa¹

*Unthinkable mournig and anguish from the perspective of
the transmission of psychic life and refusal*

*Duelo impensable y angustia bajo la perspectiva de la
transmisión de la vida psíquica y de la recusa*

Veronica Guimarães Rodrigues²

Resumo

Este estudo tem o objetivo de apresentar as causas de um luto nomeado “impensável” como um sintoma associado a uma angústia de separação. Nesse sentido, o trabalho aborda o tema do luto como um traço constitutivo da humanidade sobre a maneira de experimentar a ausência. Considera-se o mecanismo da recusa como um modo de defesa psíquica, no cerne da problemática, que se transmite psiquicamente entre gerações e destaca uma falha na transmissão de pais para filhos, sendo o fator que justifica a ideia de sujeitos impedidos de uma experiência de processamento de luto, carregando em si angústias avassaladoras de perdas não elaboradas. Nesse sentido, o trabalho destaca perdas e traumas não elaborados transmitidos sem valor simbólico, sem representação de significado, recusados, impedindo o sujeito de construir um sentido de existência própria. O luto impensável é um modo de organização da vida psíquica que se sustenta por meio do segredo, do não dito – sobretudo, do recusado. Esse tipo de luto causa angústias que implicam ameaças de separações e perdas.

1 O tema deste estudo é resultado de indagações, a partir da experiência clínica, que foram abordadas na dissertação de mestrado realizado na PUC/São Paulo: RODRIGUES, Verônica Guimarães. (2022). *Luto impensável e angústia sob a perspectiva da transmissão da vida psíquica entre gerações*.

2 Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brasil, <https://orcid.org/0000-0002-3580-9737>. E-mail: veronicaguimaraes.psicologia@hotmail.com

Palavras-chave: Luto Impensável; Angústia; Recusa; Trauma; Transmissão da Vida Psíquica entre Gerações.

Abstract

This study aims to present the causes of mourning, named as “unthinkable”, as a symptom associated with the anguish of separation. In this sense, this work approaches the theme of mourning as a constitutive trait of humanity, on the way of experience absence, considering the mechanism of refusal as a mode of psychic defense at the heart of the problem, which is transmitted psychically between generations, and which highlights a failure in the transmission from parents to children, being the factor that justifies the idea of subjects who carry in themselves overwhelming anguish of unelaborated losses, that is, prevented from an experience of mourning processing. In this sense, the work highlights unelaborated losses and traumas transmitted without symbolic value, without representation of meaning, rejected, preventing the subject from constructing a sense of their own existence. Unthinkable mourning is a way of organizing psychic life that is sustained through secrecy, the unspoken, above all the refused, causing anguish that implies threats of separation and loss.

Keywords: Unthinkable Mourning; Anguish; Refusal; Trauma; Psychic Life Transmission Between Generations.

Resumen

El objetivo de este estudio es presentar las causas del duelo, calificado de “impensable”, como síntoma asociado a la angustia de separación. En este sentido, el trabajo aborda el tema del duelo como rasgo constitutivo de la humanidad, en el modo de vivenciar la ausencia, considerando el mecanismo del rechazo como modo de defensa psíquica en el centro del problema, que se transmite psíquicamente entre generaciones, y que pone de relieve un fracaso en la transmisión de padres a hijos, siendo el factor que justifica la idea de sujetos que llevan en sí mismos angustias abrumadoras por pérdidas no elaboradas, es decir, impedidos de una vivencia de elaboración del duelo. En este sentido, la obra destaca las pérdidas no elaboradas y los traumas transmitidos sin valor simbólico, sin representación de sentido, rechazados, impidiendo que el sujeto construya un sentido de su propia existencia. El duelo impensable es una forma de organizar la vida psíquica que se sustenta en el secreto, en lo no dicho, sobre todo en lo rechazado, provocando una angustia que implica amenazas de separación y pérdida.

Palabras clave: Duelo Impensable; Angustia; Recusa; Trauma; Transmisión de la Vida Entre Generaciones.

Ontem, no entanto, perdi durante horas e horas a minha montagem humana. Se tiver coragem, eu me deixarei continuar perdida. Mas tenho medo do que é novo e tenho medo de viver o que não entendo quero sempre ter a garantia de pelo menos estar pensando que entendo, não sei me entregar à desorientação (Lispector, 2020, p. 11).

O luto está em todos os lugares da vida. Está nos grandes impactos traumatizantes, como a morte de alguém amado, e nos pequenos detalhes da vida cotidiana, como crescer e deixar de ser criança, na conclusão de um trabalho, no término de um relacionamento afetivo ou no retorno de uma belíssima viagem. O luto está na perda de um sonho, de um ideal.

Freud, no texto *Luto e Melancolia* (1917/2010), descreve o luto como uma reação à perda. “O luto é a reação à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupa seu lugar, como a pátria, liberdade, um ideal, etc.” (p. 172). Segundo Pontalis (2005), a reação à perda diz respeito a uma dor psíquica, é uma dor que ocorre “[...] em detrimento de uma mudança percebida como insuportável renuncia” (p. 266). A insuportável dor de amar e precisar renunciar a esse objeto de amor. Nasio (2007), descreve essa dor como a dor do desamor, a dor de desatar.

No texto *A Transitoriedade* (1916/2010), Freud constata que o luto é a capacidade amorosa de renunciar a objetos perdidos, de abrir mão, de deixar ir. Nesse sentido, Freud narra um passeio que fez com um amigo, jovem poeta, em um dia de verão, por uma bela paisagem. Ele conta que o poeta admirava toda a beleza que os rodeava, mas estava incomodado com a ideia de que toda aquela beleza estava condenada à extinção, assim como toda beleza humana. Segundo ele, tudo de nobre deixaria um dia de existir.

Freud percebeu que a visão pessimista do poeta sobre a transitoriedade do belo implicava uma desvalorização e concluiu que esse pensamento se dava como uma revolta psíquica contra o luto. “Imaginar que essa beleza é transitória, deu àqueles seres sensíveis um gosto antecipado do luto pela ruína e como a psique recua instintivamente diante de tudo que é doloroso” (Freud, 1916/2010, p.250).

Por isso, o trabalho do luto é fundamental, pois trata-se de um processo lento e gradual de desinvestimento da libido que estava no objeto perdido na tentativa de metabolizar ou simbolizar as perdas. O luto ao qual

se refere este trabalho diz respeito à forma como os seres humanos lidam com a falta de algo que existia e não existe mais. Não só isso, mas, principalmente, refere-se a perdas de objetos e pessoas impedidas de realizar um trabalho de luto, sendo transmitida por gerações essa dor psíquica impensável e não dita, devido à percepção negativa dessa realidade.

O luto impensável aparece como o não dito, o recusado de significado simbólico, como um sintoma que protege a pessoa da melancolia e evita qualquer sentimento avassalador que ameace a existência de sua alienação, e também se refere sobre o modo de organização da vida psíquica. Berlinck (2008, p. 89) escreve, em seu trabalho *Melancolia: Rastros de Dor e Perda*, que “o luto revela um traço constitutivo da humanidade do homem, isto é, a maneira de experimentar a ausência”.

Avancemos nas ideias de Kaës (2001) acerca da transmissão da vida psíquica que implica uma noção de barreira protetora cujo nome Freud definiu como para-excitação e barreiras de contato, sendo que, no conflito entre ego e realidade externa, ocorre uma falha na disposição desse dispositivo que não garante o controle da excitação interna e externa em um espaço de transformação. Minerbo (2019), em *Neurose e não neurose*, observando os casos-limite, chamará esse dispositivo falho na proteção do afluxo de para-excitação de “mãe”. Nesse sentido, Kaës (2001) dirá que é a própria integridade da vida psíquica que está ameaçada. A separação da mãe significa uma perda e, portanto, uma experiência de ausência. Logo, a perda desse objeto revela-se como uma ameaça de total desorganização psíquica, pois significa um processo de separação entre o eu e o outro, é o efeito de uma nova ação psíquica acontecendo, constituindo-se. Um psiquismo que constituiu suas defesas no mecanismo da recusa, da clivagem do eu, estaria assegurado, devido à abolição de uma realidade negativa.

Nesses casos, a percepção da ausência se estabelece sem valor simbólico e vazia de representação relacionada a acontecimentos considerados traumáticos e importantes na vida. O que aparece é uma insignificância dos acontecimentos. Assim, sem valorizar um acontecimento como a perda, se não há validação de sua importância, tampouco haverá condições de realizar um trabalho de luto, fundamental para a constituição de um eu independente, isto é, separado do outro. Não só isso, mas, também, um eu com

sentido de existência própria, posto que, o conceito de transmissão psíquica considera, sobretudo, que o sujeito carrega uma percepção traumatizante e não dita das experiências e história de um outro, vivendo-a como sua.

Autores pós-freudianos fizeram uma leitura dos estudos de Freud identificando um campo de um tipo de luto encriptado, associado às ideias de hereditariedade e de herança psíquica, fundamentando a teoria acerca da transmissão da vida psíquica entre gerações. O campo da negatividade da transmissão da vida psíquica contribui para identificar uma falta de separação entre o eu e o outro que impossibilita a construção de sentidos e significado próprios e impede uma apropriação do sentido de existência como sujeito da própria história.

A transmissão de uma vida psíquica geracional aborda conteúdos de mecanismos de defesa do Ego, como a recusa, o recalamento e o trauma. No entanto, para o propósito deste estudo, focaremos na recusa, que, segundo Penot (1992), se estabelece por uma falha na transmissão da vida psíquica dos pais aos filhos e nas ideias do traumático. Para Azevedo e Brandão (2019), o traumatizado é um sujeito que tomou o lugar de outro, e os significantes são transmitidos sem traços de memória e sentido, permanecendo congelados em uma pré-história geracional sem simbolização; portanto, descrevem um modo de funcionamento psíquico no qual a metabolização de um acontecimento traumático falhou, e as perdas se estabelecem paradas, sem elaboração e sem significado, ou, como cita Mazzarella (2006), “não houve discurso que desse conta de um ato” (p. 135); é a experiência pré-histórica transmitida em seu estado bruto.

Considero Penot (1992) um autor de extrema relevância para esse propósito, posto que trabalha enfatizando a ideia do mecanismo de defesa de recusa, em seu livro *Figuras da recusa, alguém do negativo* (1992), a partir da leitura do modelo inaugural sobre a ausência de pênis na mulher, isto é, da ideia freudiana de um segundo momento da ameaça de castração, pois a falta do pênis na mulher é concebida como resultado de uma castração. Penot (1992) afirma que, nos pais, existe uma falha em relação a essa noção da falta, que é depositada na psique dos filhos. A falta, ou a alteridade, nessa perspectiva psicanalítica, passa a ser indizível e inominável; os lutos, impensáveis, como sintoma protetivo do sujeito. Nesse sentido, a falta se

torna uma percepção sem reconhecimento que evita um desmoronamento psíquico, impedindo um trabalho de luto necessário e constitutivo para a humanidade.

ANGÚSTIA DE SEPARAÇÃO – UM PROCESSO DE LUTO

A perda é o ponto nodal da angústia. Todo ser humano carrega as marcas das tensões do ato do nascimento, posto que se trata dos efeitos de uma primeira experiência de separação a mãe. A relação com o objeto, com a mãe inicialmente, requer grande investimento de energia. A mãe é aquela que investe, que “narcisiza” o bebê e estabelece um elo.

A criança pequena não se diferencia, ainda, da mãe, do mundo; tudo é uma coisa só. Logo, é preciso passar pelo processo de luto para promover uma separação entre o eu e o mundo. Freud (1917), no texto *A angústia*, diz que a criança não reconhece outra figura que não seja a mãe e se assusta; sua decepção e seu anseio se transformam em angústia. É a ausência da mãe que assusta e angustia, e não apenas a presença de uma pessoa estranha.

Há uma dificuldade em abandonar uma posição libidinal, como afirma Freud (1915/2010) em *Luto e Melancolia*. Abandonar o objeto estimado, “desmamar”, configura um sentimento de perda ameaçador, porque implica em atender à demanda do luto.

Dessa maneira, a questão de um luto por fazer coloca o sujeito em uma angústia de perda. Mas qual é o significado da perda? Considero que a perda angustiante está ligada a toda perfeição narcísica e ao encontro com a realidade do mundo externo, surgindo como uma reação defensiva do Ego diante da realidade da castração. Abandonar uma posição idealizada de si e do outro é o reconhecimento da castração.

Mazzarella (2021) considera que o desamparo da ausência tem uma repercussão interna catastrófica e, à medida que a realidade da perda vai se realizando, o sujeito sente a angústia desse processo, pois envolve a separação entre o eu interno e o mundo externo, sendo capaz de provocar uma fragmentação, uma cisão no eu, trazendo desarmonia entre o eu e o mundo externo.

A TRANSMISSÃO PSÍQUICA DA RECUSA NA CONSTITUIÇÃO DO LUTO IMPENSÁVEL

A ideia do luto impensável se ampara, principalmente, em uma linha de pensamento acerca de uma transmissão da vida psíquica de gerações. São pesquisas que, segundo Kaës (2001), têm se desenvolvido no confronto clínico com organizações psicóticas, borderlines ou narcísicas, mediante investigações realizadas no início dos anos 1970, baseadas no luto, na herança, na incorporação, na cripta e no fantasma, cujos precursores são Nicolas Abraham e Maria Torok. Esse pensamento da transmissão da vida psíquica enfatiza uma falha nessa transmissão, além da sua negatividade, e destaca um segredo, uma cripta, isto é, uma falta tamponada e algo não simbolizado, ou uma falha na metabolização psíquica. Aquilo que não teve inscrição na vida psíquica dos pais fica depositado na psique da criança: “a falta, a doença, o crime, os objetos desaparecidos sem traço nem memória, pelos quais não se realizou trabalho de luto e, na maioria das vezes, dos quais nem se falou” (Mazzarella, 2006, p. 80). Com isso, evita-se o trabalho de elaborar impressões de perdas traumatizantes, a qual permanece em suspenso o seu sentido.

O luto considerado “normal” exige um trabalho de elaboração que implica uma aproximação do objeto perdido, das lembranças, das emoções vividas com o objeto “desaparecido”, em que, gradualmente, é possível encerrar um ciclo; o sujeito pode reconhecer e validar a perda e a dor. Já o luto impensável é exatamente o oposto, não há validação da perda. O luto é impensável porque está sob o funcionamento psíquico do mecanismo de defesa da recusa, por meio do qual a perda e sua importância é recusada pelo psiquismo.

Segundo a definição de Mazzarella (2021), a recusa é uma percepção negativa da realidade que, ao mesmo tempo, é recusada ou abolida. Citando Octave Mannoni, a autora reproduz a seguinte frase, a qual expressa a recusa: “eu sei, mas mesmo assim...”. Desse modo, o sujeito preserva uma postura fixa que desmente o percebido ou o rejeita por completo.

Em *A organização genital infantil*, Freud (1923) aborda os temas da recusa e da castração e destaca a construção conflituosa acerca da

percepção sobre a ausência do pênis, quando os meninos descobrem que não há pênis na menina, isto é, quando percebem a diferença sexual de órgão, no sentido de que o pênis é o único órgão externo que diferencia o masculino do feminino anatomicamente. Assim, relutam em acreditar que nunca houve um pênis na mulher, na mãe, e, a partir disso, criam histórias que os levam à conclusão que os tira do conflito angustiante diante da castração. Freud ressalta:

Eles recusam essa ausência, acreditam ver um membro, atenuam a contradição entre o que viram e o que esperavam, mediante a evasiva de que ele é ainda pequeno e crescerá, e aos poucos chegam à conclusão emocionalmente significativa de que no mínimo ele estava presente e depois foi retirado (Freud, 1923/2011, p. 173).

Nesse sentido, Freud observa que as crianças tendem a construir histórias como as citadas, nas quais dizem que não têm, porque ainda é pequeno, e que crescerá ou que estava presente e depois foi retirado. Tais teorias infantis evidenciam a dificuldade das crianças em lidar com o que está percebendo externamente. Suas teorias excluem algo real, movidas pelo medo “aterrorizante” da castração, pois as crianças concebem a ausência de pênis nas meninas como resultado da castração. No entanto, esse movimento é um processo de constituição infantil normal. O problema se apresenta quando, além de rejeitar o percebido, é também retirado o investimento, o significado, podendo se estabelecer uma postura que desmente o percebido. Freud salienta, no texto *Neurose e psicose*, o que Meynart chama de amência: “na ‘amência’, não só é excluído o acolhimento de novas percepções, mas também é retirado o significado (investimento) do mundo interior, que até então representava o mundo exterior, como sua cópia” (Freud, 1924/2011, p. 180-181). Na nota de rodapé do texto, o tradutor observa que a palavra “significado” é de valor psíquico, ou seja, de importância. Importância que não é dada para algo negativo. Com a recusa, a percepção de algo negativo ou estranho perde a importância e o valor; ela é, pois, desprezada, rejeitada e excluída.

Segundo Mazzarella (2021), as histórias recobridoras se constroem no fracasso em elaborar percepções traumatizantes por meio da recusa e da

consequente clivagem do eu e por meio de uma abolição simbólica. Assemelha-se ao caso de quando um animal de estimação de um filho morre, e os pais, para evitar o sofrimento do filho, encarregam-se, rapidamente, de comprar um novo animal para colocar no lugar do outro sem que a criança desconfie ou se traumatize com a perda de seu bichinho de estimação. Comprar um novo animal me parece um “jeito” de dar uma narrativa-história que encobre uma perda, um fato inalterável, com o qual é difícil de lidar e, mais ainda, vindo, possivelmente, de uma defesa constituída pelos pais. Colocar outro animal no lugar daquele que morreu, sem que seja dito à criança que se trata de outro, é não permitir que ela elabore um luto, que chore, que sinta a dor da perda e lhe dê um significado simbólico em seu psiquismo. Em vez disso, a morte do animal se torna um segredo, não dito, “eu sei, mas mesmo assim...”

Ao falar de recusa, estamos falando da castração, de um momento de ameaça de perda do pênis, de um processo da constituição psíquica infantil normal em que tanto pode acontecer um recalçamento da percepção da ausência de pênis quanto uma recusa para se defender da angustiante percepção de castração. O que está em jogo é como cada um vai lidar com essa ameaça, sendo tal fase um momento estruturante do psiquismo. O processo de recalque é diferente da recusa, pois sua função implica no desligamento da representação, mas sem ser apagada da memória; a representação segue reprimida e retorna nos sintomas. A recusa retira o investimento das representações, porém não se trata de um desligamento que fica reprimido, mas de um desinvestimento da representação, da perda de valor. É uma percepção existente, todavia, seu valor é rejeitado, sua existência é inquestionável, não existe dúvida sobre, tem um caráter de fixidez.

Segundo Penot (1992), não existe uma indecisão no sentido da representação. No recalque, a representação consiste em um sentido e em um significado para a consciência e, por isso, ela é afastada. No entanto, a recusa não estabelece crítica alguma, pois está em “suspensão”, o que leva o sujeito somente a um posicionamento de indiferença. O autor ressalta:

Como Freud destacou por muitas vezes, o fenômeno da recusa-clivagem não consiste em apagar esta ou aquela representação desagradável no campo

da consciência como faz o recalçamento. Pelo contrário, é a significação particular, que nela está implicada, que permanecera “invalidada” no jogo da metaforização (Penot, 1992, p. 34).

Nesse sentido, como menciona Penot, a recusa é um processo que reduz a representação a não significância com o objetivo de abolir a representação e seus efeitos na economia psíquica. São pensamentos radicalmente invalidados. Ainda sobre a diferença do recalcado, o autor, baseado no texto freudiano de 1925 (Freud, 2011) acerca da negação, escreve que ela demonstra haver um conteúdo recalcado e que a recusa invalida a própria negação.

Nessa perspectiva, a recusa é um mecanismo de defesa de elementos traumáticos não metabolizados e sem elaboração psíquica, transmitido de pais para filhos. Assim, o sujeito pode enfrentar as perdas de modo impensável, como lhe foi transmitido.

ANGÚSTIA E LUTO IMPENSÁVEL: O EFEITO DA TRANSMISSÃO DA VIDA PSÍQUICA ENTRE GERAÇÕES

Penot (1992) ressalta uma falha na transmissão psíquica dos pais para os filhos, que ocorre na transmissão da vida psíquica. O autor concebe que essa falha está associada à ideia de castração que está posta na vida de todo sujeito. Nesse sentido, a maneira como os pais lidam com suas castrações e as enfrentam, sendo elas partes do processo normal constitutivo do psiquismo, definirá o modo como o sujeito se relacionará na vida e encarará a realidade. Sabemos que, nesse processo constitutivo, é possível que, em vez de o sujeito renunciar às suas pulsões, ele pode recusar a realidade do mundo externo, recusar a percepção da castração. Por tal via, Penot compreende que esse mesmo mecanismo da recusa será passado para as gerações seguintes como uma espécie de herança psíquica da recusa. Diante do mecanismo da recusa da castração, atos psíquicos se transmitem de modo automático, imperceptível e impensável. É a herança do outro sendo vivida de maneira inquestionável.

As perdas, sobretudo, são um modo de lidar com a castração; logo, com a falta e a ausência do objeto. O sujeito pode enfrentar as perdas de modo impensável, assim como lhe foi transmitido, e a angústia comparece como sinalizadora de uma ameaça a desmoronar e abalar uma realidade interna estabelecida, por meio da noção da diferença e da separação.

A angústia é uma reação defensiva desse ego fixo e inquestionável, pois a dúvida pode levá-lo ao lugar do nada, do vazio e do desmoronamento que impõem a realidade de uma diferenciação que implica uma separação entre o eu e o outro.

Para Kaës (2001, p. 10-11), “... aí temos as concepções oriundas da segunda tópica: as do Id hereditário, do Ego que deriva do Id, do Superego herdeiro do complexo de Édipo e, portanto, do Superego dos pais”. O sujeito recebe a herança do desejo do outro e a questão é o que fazer dela – entre ser um fim para si mesmo ou ser um sujeito sem a participação de sua vontade, sem um sentido próprio. Assim, a transmissão da vida psíquica se trata, inicialmente, de uma herança do sujeito e de uma tentativa de resolver um problema narcísico. É sobre existir como uma extensão dos pais, ou existir como um sujeito protagonista da própria história.

Essa transmissão da vida psíquica se refere a uma herança dos modos de funcionar e de se constituir psiquicamente. Mazzarella (2006, p. 80) escreve que o transmitido é o “afeto, [os] mecanismos de defesa, [os] sintomas, [os] traumas”, por meio de mediações tanto verbais quanto não verbais, conscientes ou não. Quando o sujeito se apropria de sua herança psíquica transgeracional, isto é, por meio da percepção de uma repetição nos modos de funcionar, e, mais do que perceber, a aceitasse em si, constituindo um sentido, uma elaboração, então, o sujeito poderia transformá-la em algo seu. Logo, poderá fazer com essa herança o que quiser. No entanto, na dificuldade dessa apropriação, em que não se constroem ligações e um sentido próprio, ele se submete a uma herança psíquica que o aliena.

A transmissão da vida psíquica se organiza tanto pela via positiva, que se estabelece por meio do mecanismo defensivo do recalque, quanto pela via negativa, que se constrói por meio do mecanismo defensivo da recusa. A negativa ocorre não somente a partir da falha e da falta, mas também do que não adveio, do que é ausente de inscrição e representação (Kaës,

2001). Nesse sentido, ocorre uma transmissão do que não tem significado ou sentido, ou, como afirma Mazzarella (2006, p. 82), “que clamam por sentido”.

Granjon (2000) destaca que acontecimentos não elaborados, não simbolizados, passados à geração seguinte têm caráter traumático e alienante. Desse modo, a experiência se torna um segredo devido à falta de palavras e, nesse caso, o segredo existente é constituído por meio daquilo que não tem representação alguma, é o não dito, porque é inominável, não existem palavras para descrever, ou melhor, para representar o acontecimento.

Mazzarella afirma que:

... como o não-dito do inominável, daquilo do qual não se falou por falta de palavras para tanto, o segredo encontra-se fora do registro do inscrito, transitando na descendência como indizível, não ligável, enquistado, forcluído, ou seja, à margem de um trabalho psíquico possível e fadado à repetição como tentativa de representação. Assim como nos sonhos traumáticos, esse não-dito permanece apenas insistindo (Mazzarella, 2006, p. 114).

O segredo também pode se apresentar como o proibido dizer, aquele que está relacionado à vergonha e à culpa e que é transmitido às gerações seguintes pela via do recalcado. No entanto, interessa-me a compreensão do efeito da transmissão realizada pela via da recusa, do não dito e do inominável, mecanismo que produz a impossibilidade de julgar e de sentir, sendo o negativo da transmissão da vida psíquica.

Mazzarella (2021, p. 81) afirma: “... diante do horror produzido pelo contato com o nada, a tentativa de aplacar uma angústia avassaladora se faz pela via da construção de uma histórias recobridoras”. A ameaça do encontro “horrível” do nada e do vazio, na perspectiva filosófica, é o que se remete à ausência e à falta na psicanálise. É isso que preocupa e angustia o sujeito. Logo, é preciso recusar, rejeitar a ideia, como se houvesse um escudo, para não cair no nada do vazio e da falta que desmorona o ser, como se nessa nova realidade constatada não houvesse a possibilidade de se achar, de se encontrar em algum lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O TRABALHO CLÍNICO DE RECONSTRUÇÃO DO SENTIDO DE EXISTÊNCIA DO EU

O trabalho demonstrou que o luto consiste em perdas, ausências, faltas, lacunas vazias, sendo necessário um trabalho paulatino de elaboração psíquica de lutos e de diferenciação entre o eu e o outro. O luto engendra parte da constituição humana sobre como o ser humano experimenta a ausência. Dessa forma, quando não realizado um processo de elaboração das perdas – a ausência do objeto – e de abandono dos objetos, o sujeito permanece com seus objetos perdidos congelados, misturado ao objeto e preso em uma posição infantil, na iminente angústia do que seja viver sem o objeto amparador. Nesse sentido, os lutos não ditos, inomináveis, são inscritos e transmitidos para as gerações seguintes.

A pesquisa pôde demonstrar que pessoas que vivem esse tipo de luto poderiam excluir e rejeitar uma percepção pelo fato de considerá-la negativa e de tal mecanismo de defesa não deixar traço de importância na memória. É uma percepção sem reconhecimento que evita um desmoronamento psíquico. Além disso, os estudos sobre a transmissão da vida psíquica entre gerações trouxeram relevantes contribuições acerca do processo de separação entre o eu e o outro, o dentro e o fora, que configura um processo de luto necessário e constitutivo na humanidade, pois o sujeito carrega uma percepção traumatizante, que contém a história de outro, vivendo-a como sua.

Por intermédio do estudo da transmissão da vida psíquica, observou-se a importante condição de tornar-se sujeito da própria história, de modo a minimizar uma angústia avassaladora e a repetição. Ademais, a transmissão da vida psíquica aponta para a falta de diferenciação entre o eu e o outro, o equivalente, também, à diferença entre os sexos, referente ao modo como um Ego lidou com as castrações no início da vida. Nesse sentido, a herança da falta de diferenciação também é transmitida às gerações. Mazzarella (2006, p. 160) afirma que, “desse modo, tais reflexões possibilitam a incidência de uma intervenção no sentido da apropriação da

herança pelo analisando”. É mediante tal apropriação que o sujeito poderá transformar a herança em algo próprio, ou seja, é preciso reconhecer a história para transformá-la.

Segundo Mazzarella (2021), no trabalho analítico, é necessário fazer com que o sujeito se aproprie de sua história e não apenas viva a tamponar as faltas e os vazios, criando espaço para a tarefa de pensar no impensável, no que foi recusado, na tentativa de construir uma ligação com aquilo que foi excluído, clivado.

Em vista disso, o analisando precisa se dar conta da sua origem histórica, podendo reconhecer nela uma incompatibilidade e construir um sentido para a própria existência. A análise tem como desafio uma reconstrução capaz de integrar a história. É necessário, também, que o analista possa imaginar o inimaginável e constituir a capacidade de representar o impensável.

A clínica precisa levar em conta o tipo de estrutura psíquica de sujeitos enlutados que, possivelmente, nem reconhecerão tal estado, pois é a partir dessa constituição psíquica defensiva que o sujeito apoiará a sua maneira de lidar com a ausência e a falta, isto é, com a sua castração.

A psicanálise, no trabalho de reconstrução do sentido da existência do eu, permite que o sujeito encontre meios de entrada no mundo externo e, lá, encontre objetos sublimatórios. Penso que o encontro com o analista já é uma entrada no inconsciente e na consciência, mas recusada, rejeitada, abrindo possibilidades para uma resignificação de sentido, de propósito, de existência própria ao fazer ligações, construindo representações simbólicas de experiências inomináveis, não ditas, transmitidas psiquicamente. E por que a construção de um sentido de existência do eu? O significado, ou melhor, o não significado de uma experiência de perda traumatizante é o mesmo sentido que segue por gerações; segue a falta que faltou no outro. Quando o sujeito se põe em análise e compreende sua herança psíquica, ele poderá ser capaz de criar um significado, um valor simbólico que seja seu para as próprias experiências, interrompendo um ciclo de repetição do não dito, do impensável, do segredo. Assim, sua existência pode ganhar seu próprio sentido.

Resgato uma ideia de Clarice Lispector (2020, p. 10) sobre sua tentativa de encontrar meios de saídas para resolver seus conflitos.

... sei que ainda não estou sentindo livremente, que de novo penso porque tenho por objetivo achar – e que por segurança chamarei de achar o momento em que encontrar um meio de saída. Por que não tenho coragem de apenas achar um meio de entrada?

Por que, então, não pensar em meios de entrada? Esse trecho da Clarice me traz a ideia da saída como fuga, como livrar-se de algo sem compreensão sem entender. Apenas e puramente, com o desejo de se haver livre de uma dor, de um conflito. Dessa forma, não há possibilidade de estabelecer modos de lidar com a angústia de separação e desenvolver um ego capaz de se amparar diante da ausência do outro, dos enormes vazios e da alteridade. Procurar um meio entrada seria a possibilidade de enfrentar o conflito por meio de um novo posicionamento libidinal.

REFERÊNCIAS

- Azevedo, L. J. C., Brandão, E. P. (2019). Trauma e Transmissão Psíquica Geracional. *Ágora*, 22(1), 8-18. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/agora/a/FdrsXSXvBzxV6nWDtMx5Fvw/?format=pdf&lang=pt>.
- Berlinck, L. C. (2008). *Melancolia: Rastros de dor e perda*. São Paulo, SP: Humanitas.
- Freud, S. (2010). A transitoriedade. IN: S. Freud, *Introdução ao narcisismo, ensaios da metapsicologia e outros textos*. São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1916).
- Freud, S. (2010). Luto e Melancolia. IN: S. Freud, *Introdução ao narcisismo, ensaios da metapsicologia e outros textos*. São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917).
- Freud, S. (2011). A organização genital infantil. IN: S. Freud, *Obras completas, volume 16: o eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)*. São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923).

- Freud, S. (2011). *Neurose e Psicose*. IN: S. Freud, *Obras completas, volume 16: o eu e o id, "autobiografia" e outros textos*. São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1924).
- Freud, S. (2014). *A angústia*. IN: S. Freud, *Obras completas, volume 13: conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917)*. São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1916).
- Granjon, E. (2000). *A elaboração do tempo genealógico no espaço do tratamento da terapia familiar psicanalítica*. IN: O. B. R. Correa (Org.), *Os avatares da transmissão da vida psíquica geracional*. São Paulo, SP: Escuta.
- Kaës, R. (2001). *Transmissão da vida psíquica entre gerações*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Lispector, C. (2020). *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro, RJ: Rocco.
- Mazzarella, T. I. (2006). *Fazer-se herdeiro: a transmissão psíquica entre gerações*. São Paulo, SP: Escuta.
- Mazzarella, T. I. (2021). *Histórias recobridoras: quando o vivido não se transforma em experiência*. São Paulo, SP: Blucher.
- Minerbo, M. (2019). *Neurose e não neurose* (2. ed.). São Paulo, SP: Blucher.
- Nasio, J.D. (2007). *A dor de amar*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Penot, B. (1992). *Figuras da recusa: Aquém do negativo*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Pontalis, J.B. (2005). *Entre o sonho e a dor*. São Paulo, SP: Ideias e letras

Recebido em 14/03/2023

Aceito em 18/09/2024



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.